

ANTOLOGIA POÉTICA
Médicos Paraibanos

ANTOLOGIA POÉTICA

Médicos Paraibanos

Wilberto Trigueiro
Bruno Leandro de Souza
Organizadores

Todos os direitos e responsabilidades reservados aos organizadores.

Revisão

Leo Barbosa

Diagramação/Capa

Magno Nicolau

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

A634 Antologia poética: médicos paraibanos / Wilberto Trigueiro, Bruno Leandro de Souza, organizadores. – João Pessoa: Ideia, 2024.
162p.
ISBN 978-65-5608-512-8

1. Literatura brasileira – antologia – poesia. 2. Antologia literária – poesias. 3. Antologia literária – médico-poetas. 4. Academia paraibana de Medicina (APMED). 5. Conselho Regional de Medicina (CRMPB). I. Trigueiro, Wilberto. II. Leandro, Bruno.

CDU 929.52(813.3)

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária Gilvanedja Mendes, CRB 15/810



EDITORA

www.ideiaeditora.com.br
contato@ideiaeditora.com.br

Diretoria Executiva da ACADEMIA PARAIBANA DE MEDICINA

Presidente – Wilberto Silva Trigueiro
Vice-Presidente – Humberto Vicente de Araújo
Diretor Secretário – João Gonçalves de Medeiros Filho
Sub-Diretor Secretário – Mário Toscano de Brito Filho
Diretor de Finanças - Fernando Paredes Cunha Lima
Sub-Diretor de Finanças – Edilson Pinheiro do Egito
Diretor de Patrimônio – Eurípedes Sebastião Mendonça de Souza

Conselho Científico Cultural

Titulares:

Antonio Carneiro Arnaud
Ricardo Antônio Rosado Maia
Francisco Orniudo Fernandes

Suplentes:

Geraldez Tomaz
João Modesto Filho
Paulo Germano Cavalcanti Furtado

Conselho Fiscal

Titulares:

José Eymard Moraes de Medeiros Filho
Marco Antônio de Vivo Barros
Margareth de Fatima Melo Diniz

Suplentes:

Oswaldo Travassos de Medeiros
Evaldo Dantas da Nóbrega
Augusto de Almeida Junior

Comissão Editorial dos Anais

José Josias de Carvalho Batista
João Bezerra Junior
Joaquim Monteiro da Franca Filho

Comissão de comunicação e informática

Arlindo Monteiro de Carvalho Júnior
Cláudio Orestes Britto Filho
Eurípedes Sebastião Mendonça de Sousa

Editor da Revista APMED

Manoel Jaime Xavier Filho

DIRETORIA DO CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DA PARAÍBA

Presidente – Bruno Leandro de Souza
1º Vice-Presidente – Walter Fernandes de Azevedo
2º Vice-Presidente – Débora E. B. Nóbrega Cavalcanti
1º Secretário – Klecius Leite Fernandes
2º Secretário – João Modesto Filho
Tesoureiro – Antônio Henriques de França Neto
2º Tesoureiro – Euda Maria Farias Diniz Aranda
Corregedor – Luciana Cavalcante Trindade
Vice-Corregedor – Arlindo Monteiro de C. Júnior

Conselheiros

| | |
|---|--|
| André Pacelli Bezerra Viana | João Gonçalves de Medeiros Filho |
| Andrea Correia Nóbrega de Sá | João Modesto Filho |
| Antônio Henriques de França Neto | José Calixto da Silva Filho |
| Arlindo Félix da Costa Neto | José Cleiber de Andrade Menezes Júnior |
| Arlindo Monteiro de Carvalho Junior | Juarez Carlos Ritter |
| Bruno Leandro de Souza | Klecius Leite Fernandes |
| Cássio Virgílio Cavalcante de Oliveira | Luciana Cavalcante Trindade |
| Cláudio Orestes Britto Filho | Márcio Rossani Farias de Brito |
| Cristiana Ribeiro Coutinho Furtado | Margareth de Fátima Formiga Melo Diniz |
| Dalva Guedes Arnaud | Maria do Socorro Ferreira Martins |
| Debora Eugênia Braga Nóbrega Cavalcanti | Mário Toscano de Brito Filho |
| Euda Maria Farias Diniz Aranda | Maurilio Onofre Deininger |
| Eugênia Moreira Fernandes Montenegro | Micheline Pordeus Ribeiro |
| George Guedes Pereira | Pablo de Almeida Leitão |
| Giane Camilo Sarmento | Ronald de Lucena Farias |
| Gláucio Nóbrega de Souza | Savio Bruno Silva Barros |
| Guilherme Veras Mascena | Umberto Joubert de Moraes Lima |
| Heraldo Arcela de Carvalho Rocha | Valdir Delmiro Neves |
| Isabella Wanderley de Q. Evangelista | Walter Fernandes de Azevedo |
| Islan da Penha Nascimento | Wandenberg Gomes de Albuquerque |
| Janio Cipriano Rolim | Wilberto Silva Trigueiro |

Sumário

PREFÁCIO / 13

Bruno Leandro de Souza

APRESENTAÇÃO / 15

Wilberto Trigueiro

Alfredo Fagundes de Souza / 19

Minha Eterna Canção / 20

Rosa Canção / 21

Cartas de Amor / 22

Ser Mãe / 23

Saudade / 24

Antônio Luiz da Silva / 25

Uma história de amor (Fatalidade) / 26

Tirado das páginas da vida / 28

Salve-se quem puder / 29

Arlindo Monteiro de Carvalho Junior / 31

O Tempo / 32

Plantão Noturno / 34

Recomeçando / 35

Arnaldo Tavares de Melo / 37

Horas sem Minutos / 38

Trovinhas para Mariana / 39

Poema das Mãos / 40

Astenio Cesar Fernandes / 43

Poemas livres / 44

O tempo / 45

Nosso altar / 46

Gitana / 47

Bruno Leandro de Souza / 49

Solução / 50

Preensão palmar / 51

Deborah Rose Galvão / 53

Quero ser / 54

Contidos / 55

Estava escrito / 56

Eterno / 57

Delosmar Domingos de Mendonça / 59

Oitenta anos / 60

Segura na mão de Deus / 61

Contrito e genuflexo / 62

Edilson Pinheiro do Egito / 63

Verdade absoluta / 64

Cosmos / 65

Últimos versos / 66

Dores da alma / 67

Eudésia de Carvalho Vieira / 69

Hino a Tambaú / 70

Realidade / 72

Depois do torpedeamento do "Afonso Pena" / 73

Meu Brasil / 74

Eugênio de Carvalho Júnior / 75

Trovas / 76

Cadáver desconhecido / 78

Dissociação / 79

Evaldo Dantas da Nóbrega / 81

Qual... / 82

Fernando Paredes Cunha Lima / 87

Atalho do verso / 88

Um verso sob a mesa / 89

Aprendiz de soneto / 90

Plenitude dos preceitos / 91

Flávio Ferreira da Silva Maroja / 93

Salão Vermelho / 94

O meu galo-de-campina / 95

Francisco Alves de Lima Filho / 97

Hino da Paraíba / 98

Genival Veloso de França / 99

Acróstico para Derci / 100

Canto do Amanhã / 101

Meu Pecado - (samba canção) / 102

Geraldez Tomaz / 103

Poesia em solenidade desta Academia / 104

Guilherme Travassos Sarinho / 107

As duas santas / 108

O moribundo / 109

Sonetos de amor / 110

Cântico para Tróia / 111

Hermano José Falcone de Almeida / 113

Sina sim / 114

Incerto / 115

Coagulado / 116

Gótica melissa / 117

Joaquim Monteiro de Franca Filho / 119

A árvore agonizante / 120

Visita médica na roça / 121

Lenisio Bragante de Araujo / 123

Morrer e deixar viver / 124

Dor o infortúnio do homem / 126

A vida por um fio / 128

Maria do Desterro Leiros da Costa / 133

Aos médicos com carinho / 134

Feminicídio, até quando? / 136

Burnout de emoções / 137

Hipocrático / 138

Marco Valério Gomes Batista Gonçalves / 139

Medicina: uma vida de paixão e amor / 140

Dia 27 de julho: dia do Pediatra / 141

Relatos de um médico poeta / 142

Soneto ao amigo cadáver / 144

Oswaldo Travassos de Medeiros / 145

Da janela do trem / 146

Péricles Vitório Serafim / 147

Reflexões por escrito / 148

Amor Resiliente / 149

O Mistério da Gavôa

(20 anos de formatura) / 150

Roosevelt de Carvalho Wanderley / 151

Saudação de despedida / 152

Natal / 153

Justifico a minha ausência / 154

Sebastião Aires de Queiroz / 155

Mulher mãe / 156

Antipoesia da seca / 157

Vocação de pai / 158

Velhice e terapias de rejuvenescimento / 159

Dezoito de outubro – Dia do Médico

Médicos, cuidadores mais que curadores / 160

POSFÁCIO / 161

Sebastião Aires de Queiroz

PREFÁCIO

Em Antologia Poética - Médicos Paraibanos, mergulhamos em um universo onde a ciência e a arte não apenas coexistem, mas se fundem em expressões de rara beleza e profundidade. Esta coletânea, cuidadosamente curada, reúne obras de médicos paraibanos que, além de dedicarem suas vidas ao nobre ofício da medicina, se aventuram pela senda da poesia, revelando facetas surpreendentemente sensíveis e criativas.

A medicina, em sua essência, é uma ciência que lida com as fragilidades humanas, buscando restaurar o equilíbrio perdido pela doença. A poesia, por sua vez, é a arte que expressa o indizível, capturando nuances da experiência humana em palavras que tocam, movem e transformam.

Quando médicos se tornam poetas, testemunhamos um enriquecimento mútuo dessas esferas, uma vez que a empatia e a sensibilidade necessárias para compreender o outro em seu estado mais vulnerável também são essenciais para a criação poética.

Este livro é uma homenagem à multifacetada cultura paraibana, refletindo a rica tapeçaria de sua sociedade. A Paraíba, com sua história, tradições e paisagens, serve não

apenas como pano de fundo, mas como uma musa inspiradora para muitos dos poemas aqui apresentados. Da mesma forma, a vivência diária desses médicos-poetas, entre consultórios e hospitais, entre a vida e a morte, entre a dor e a cura, infunde suas obras com uma autenticidade e uma urgência que só podem vir da experiência direta.

Cada poema nesta antologia é uma janela para a alma de seu autor, revelando um espectro de emoções que vai da alegria serena à angústia profunda, do êxtase da descoberta à resignação diante do inevitável. Juntos, eles compõem um mosaico de vozes que, embora distintas, ecoam um compromisso comum com a humanidade e com a terra que os viu nascer.

“Antologia Poética” não é apenas um livro de poesias; é um convite para explorar a complexidade da condição humana através dos olhos daqueles que se dedicam a entendê-la tanto pela ciência quanto pela arte. Ao folhear suas páginas, esperamos que os leitores encontrem consolo, inspiração e, acima de tudo, uma profunda conexão com os autores e suas obras. Que esta antologia sirva como um lembrete da beleza que pode emergir quando permitimos que nossos mundos, interno e externo, pessoal e profissional, se encontrem e se entrelacem.

Bem-vindos à “Antologia Poética” – uma celebração da vida, da medicina e da poesia na Paraíba.

Bruno Leandro de Souza
Presidente do CRM-PB

APRESENTAÇÃO

Tivemos, no último mês de outubro, durante as comemorações da semana do Médico, um evento marcante da Academia Paraibana de Medicina (APMED) que constou da exposição de poesias de acadêmicos da nossa entidade, no Espaço Acadêmica Maria de Lourdes Britto Pessoa. Naquela ocasião, o presidente do CRM-PB, Dr. Bruno Leandro de Souza, entre as várias personalidades presentes, declamou poemas de sua autoria. Aproveitando seu entusiasmo diante da prestigiada solenidade, falamos da possibilidade da edição de um livro conjunto, ratificando a parceria APMED/CRM-PB, que contemplasse poesias autorais de médicos registrados neste órgão conselhal, com o objetivo de valorizar aqueles que assim expressam seus sentimentos. Assim, surgiu a ideia da publicação desta importante obra, inédita e histórica, muito bem impressa, intitulada “ANTOLOGIA POÉTICA - Médicos Paraibanos”, que reúne uma coletânea de escritos literários, nos quais revelam que a arte da poesia e da medicina podem coexistir harmoniosamente na vida de quem se dedica a zelar pela saúde dos semelhantes.

Incluímos aqui alguns poemas do livro Poetas da APMED, de autoria do decano vate e confrade Sebastião Aires de Queiroz, lançado em 2018, que se constitui um importante acervo cultural da nossa biblioteca.

Nossa instituição é reconhecida pela excelência acadêmica e fecunda em confrades/confreiras com forte inclinação poética, cumprindo a missão de desenvolver ações culturais e humanísticas direcionadas à sociedade. Atualmente, a APMED tem vários poetas com livros recentemente publicados.

Redigimos com enorme satisfação e orgulho a apresentação deste livro, meticulosamente organizado, para destacar o talento de profissionais que, além de dedicarem suas vidas no cuidado e bem-estar de seus pacientes, encontram na poesia uma forma expressiva de compartilhar emoções, experiências e reflexões.

Folheando suas páginas, e seguindo a ordem alfabética de seus vinte e sete autores, somos convidados a entrar em um universo criativo onde cada palavra, cada verso, é uma janela aberta à alma desses colegas dotados da arte antiga de comunicação, surgida na Grécia antiga. Os temas variados permeiam as vivências diárias da profissão médica, como a dor do paciente, a gratidão, a esperança e até mesmo as inquietações pessoais.

A seleção dos poemas que compõem esta antologia foi feita cuidadosamente pelos colaboradores, representando a

diversidade de estilos, por vezes, sofisticados e repletos de metáforas, permitindo meditação sobre a vida e a condição humana. As belas rimas e estrofes expressam sensibilidade e empatia com o próximo, transmitindo o amor pela existência e pela nobre missão que escolheram. Sua leitura nos convida a refletir sobre as interseções da arte, ciência e humanidade, revelando como, por trás do jaleco branco, existem corações e mentes pulsantes de inspiração em detalhes e ocorrências, particularidades que só os poetas irradiam com rara beleza.

Reconhecemos que o saber médico não é limitado ao aspecto científico, mas também inclui a experiência humana, as histórias pessoais e as lições que surgem da prática da medicina. Nesse contexto, a presente publicação tem o inquestionável valor de incentivar a cultura, o humanismo e a preservação da memória, além de fortalecer o diálogo entre a ciência, arte e humanidade.

Gostaríamos de expressar nossos sinceros agradecimentos aos que gentilmente contribuíram para enriquecer este valioso livro, ao poeta Sebastião Aires de Queiroz, por permitir a inserção de poesias contidas no seu livro, como descrito bem acima, e à funcionária da APMED, Sra. Shelika Melo, pela costumeira dedicação. Ademais, não poderíamos deixar de externar gratidão ao CRM-PB, na pessoa de seu presidente Dr. Bruno Leandro de Souza, e a toda diretoria, por aceitarem prontamente nossa sugestão de, juntamente

com a Academia Paraibana de Medicina, publicar esta significativa antologia que engrandece as entidades e enaltece os valores éticos e culturais.

Desejamos a todos uma excelente leitura!

Wilberto Trigueiro

Presidente da Academia Paraibana de Medicina

Conselheiro do CRM PB

Alfredo Fagundes de Souza

Médico formado na UFPB em 1974 - residência médica na Policlínica Geral do Rio de Janeiro, pós graduado pela PUC do Rio de Janeiro, Ex-Presidente da Sociedade Paraibana de Pneumologia e membro da Sociedade Brasileira de Tisiologia. Poeta, autor de três livros editados em 2023, Vice-presidente da Academia de Letras, Ciências e Artes do Vale do Mamanguape.

Minha Eterna Canção

O amor não se compra nas lojas da vida,
E não se encontra nas sombras perdidas,
E nem nas plataformas de grande clamor;
Pois o amor jamais será mercadoria,
Que se encontra nas vitrines todo dia,
O Amor é sublime, diferente de uma paixão.

A paixão é como flor de estufa, passageira,
O seu perfume é fugaz a vida inteira,
Porque a sua essência é pura ilusão...
E está sempre presente em qualquer lugar,
Basta uma oportunidade para despertar,
Mas termina sempre em uma traição.

O verdadeiro amor é viver apaixonadamente,
Sendo transparente, amando eternamente,
Jamais se desmorona com as adversidades,
Porque o Amor é a minha eterna canção;
É raiz profunda do meu coração,
Que vence todas e quaisquer tempestades.

Rosa Canção

A rosa mais linda de toda as flores,
Tem a essência própria dos amores,
É o botão de rosa que cultivei no meu jardim,
É minha rosa mulher, de infinita beleza
Ela é a própria essência da realeza,
É a flor que perfuma e me faz feliz assim.

Ela é a menina linda, cheia de graça e perfeição,
A minha musa é a mais bela da criação,
Foi Deus quem ofertou este amor para mim,
Por isso vivo cantando apaixonadamente,
Celebrando este amor indubitavelmente
Com a nossa vida a dois que não tem fim.

Tu e somente tu, és minh'alma gêmea, a cara metade,
A minha flor mulher, companheira de verdade,
Pois nós dois conjugamos o verbo amar,
Somos cordas de um eterno violino,
Onde juntinhos vivemos o mesmo destino,
És a rosa canção, o bálsamo do nosso lar.

Cartas de Amor

Revendo o arquivo do meu passado,
Que eu tenho bem guardado,
Com tanto carinho e ardor,
Revivi na fita a minha vida,
Que estava bem escondida,
Nas minhas cartas de amor.

São vidas de amor em comunhão,
Dois apaixonados em um coração,
Lições de vida e de sentimento,
O nosso amor é puro é verdadeiro,
Mora comigo o tempo inteiro,
Na alma e vida do meu pensamento

Vamos caminhando de mãos dadas,
Os dois seguindo a mesma estrada,
Com Deus que mora em nossa união,
A vida é bela para nós querida,
Nosso amor é puro e pra toda vida,
Porque Deus mora em nosso coração.

Ser Mãe

Ser Mãe é viver a encarnação da humanidade,
É o mistério do amor da divindade,
É o berço da vida... segredos do Criador;
Ela é a rainha de todas as flores...
Tem a própria essência dos amores,
Mãe: é o nosso paraíso de amor.

Mãe é a presença do Sagrado no universo,
É a deusa absoluta desse meu verso,
Tem o esplendor de toda a realeza;
Seu coração tem a ciência da eternidade,
E a consciência da generosidade,
É um oásis de amor, de infinita beleza.

Porque a Mãe é nosso anjo de amor,
Tem o perfil do nosso Salvador,
É a fonte viva de toda nossa razão,
Sim, é um anjo que o céu nos concedeu,
Ser Mãe é se deixar tocar pelas mãos de Deus,
Mãe: é a maternidade de toda criação.

Saudade

Saudade é solidão que canta,
É criança que nos encanta,
Querendo a mão abraçar,
É o cantar de um passarinho,
Perdido na relva, longe do ninho
Para ter saudade é só amar.

Saudade é luz que nunca apaga
É como o orvalho da madrugada
Querendo a alvorada acordar;
É sentir a beleza do sol poente
Pois só quem ama é que sente,
É contemplar as noites de luar.

Saudade é minha solidão amiga,
O único refúgio da minha vida,
Que passo horas cantando;
Uma canção que nunca tem fim,
A saudade vive dentro de mim,
Por isso que vivo somente sonhando.

Antônio Luiz da Silva

Nascido em 15 de fevereiro de 1951, na cidade de Rio Tinto-PB, Médico formado pela Universidade Federal da Paraíba (1977), ficando conhecido no Vale do Mamanguape – PB como Dr. Toinho. Tem título de especialização em Medicina do Trabalho (1995), pós-graduação em Terapias Naturais e Holísticas em 2016 e título de especialização em Terapia Vibracional Quântica (2018).

Uma história de amor (Fatalidade)

Um dia...

Eu te encontrei sozinha,
Estavas linda como a lua que enfeitava o céu.

Teus olhos brilhavam radiantes!

Eu quis te falar do meu amor,
De mim, das coisas da minha vida,
Te oferecer o que de mais sublime eu podia:
Te abrir meu coração!

Mas tu, dentro da tua arrogância,
Não quisestes, nem por um momento, me ouvir.

Outro dia...

Ao levantar meus olhos,
Te vi sentada, lindamente desesperada, diante de mim!

E foste tu que vieste falar de ti,
Do teu sofrimento, da tua agonia.

Teus olhos não brilhavam, choravam.

Atentamente te ouvi, te senti, chorei o teu choro.

Te amei confidencialmente, te tratei carinhosamente.

E devolvi o brilho dos teus olhos!

Com isto devolvi também, sem querer, a tua arrogância.

Um outro dia...

Eu exausto da labuta,
Naquela madrugada que chovia, fria, fatalmente fria,
Alguém te carregava desfalecida em seus braços.

Corri e te socorri como eu podia!

Teu pulso... Teu coração... Teu olhar... Estavam inertes!

Como uma linda boneca que nada fazia, nada sentia, nada
[dizia.

E eu que te queria viva, mesmo arrogante e sem ser
[minha...

Mas eu sabia do mal que um dia te consumiria.

Conversei com Deus e estava consumado: nunca mais
[voltarias!

E ali...

Naquela hora...

As minhas lágrimas diziam...

A dor que eu sentia.

E tu...

A linda princesa adormecida...

Que, quem sabe, um dia me amaria!

Calou-se naquele adeus, na divina calmaria!

Tirado das páginas da vida

Um dia a gente percebe que a vida é bem mais que um
[simples viver
E que os momentos felizes são entrelaçados por um
[padecer
Dias de sol com certeza, dias que podem chover
Noites de estrelas que brilham, noites vão escurecer
Tirado das páginas da vida o verso, o amor e a canção
E poças de lama salpicam o coração
Faça qualquer recomeço com sabedoria e razão
Escreva sua história e sonhos na palma da mão
Você, você, você... você, você, você,
Um dia vai ver sua vida ser lida do jeito que fez se escrever.

Em cada esquina da vida há um jogo que a gente precisa
[aprender
A felicidade consiste, na força, na fé no poder de vencer
Mantendo esta chama acesa o dia feliz vai nascer
Olhe o mundo e veja as bênçãos de Deus pra você
Tirado das páginas da vida a paz, a amizade e o perdão
Gotas de lágrimas lavam o coração
Aprenda os passos, decida as marcas que ficam no chão
E assim se escreve a história com exatidão
Você, você, você... você, você, você,
Um dia vai ver sua vida ser lida do jeito que fez se escrever
(bis).

Salve-se quem puder

Salve a vida que ela é bela
Salve as flores da janela
Salve a felicidade
Que já sente a idade
Agoniza e quer morrer
Salve até o horizonte
Que se esconde atrás dos montes
E embeleza o amanhecer!

Salve o azul, verde e amarelo
Salve a ordem e o duelo
Salve quem está por um triz
Salve o sol do meu país
Que não brilha pra você
Salve o hino que calou-se
Caiu das margens e afogou-se
Com um povo varonil!

Salve! Salve! Ó Pátria amada
Mão no peito, idolatrada
Salve o amor que está escrito
Retumbante solte o grito:
Quem ostenta esse país?!
Nem respeita o gigante
Vai de cavaleiro errante
O importante é ser feliz!

Salve a paz que ficou louca
Salve o pão da sua boca
Salve a faca e o queijo
Que os ratos do desejo
Lhe espera onde estiver
Acho que salvando isso
Você salva o compromisso
De salvar-se quem puder!
Povo do meu país... Salve-se quem puder!

Arlindo Monteiro de Carvalho Junior

Graduado em Medicina pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) com Residências Médicas em Cirurgia Geral (HRT/FHDF) e Urologia (HSE/RJ). Título de Especialista em Urologia AMB/SBU. Mestre em Urologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Doutor em Medicina - Urologia pela Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Professor Adjunto-Doutor do Curso de Medicina do Centro Universitário de Campina Grande (UNIFACISA) e Professor Associado-Doutor do Departamento de Cirurgia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Membro Titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões (TCBC). Vice-Corregedor e Membro da Comissão de Ensino Médico do Conselho Regional de Medicina do Estado da Paraíba (CRM-PB). Foi Presidente da Sociedade Brasileira de Urologia - Seccional PB (SBU-PB) e Mestre do Colégio Brasileiro de Cirurgiões - Capítulo PB (CBC-PB). É o atual Titular da Cadeira 35 da Academia Paraibana de Medicina (APMED). *Tem experiência na área de Medicina, com ênfase em Cirurgia, Urologia e Ensino Médico*

O Tempo

Dá tempo ao tempo!
Que tempo?

Tempo que não passa
Quando quero te ver
Tempo que logo acaba
Quando estou com você

Ah! Tempo –Que forte!
Quase sempre demais
Pra quem vive sem sorte
Por que és tão pouco
Pra quem foge da morte?

Ah! Tempo meu tempo
Queria te controlar
Serias como um relâmpago
Não me deixarias chorar
Serias tal qual o infinito
Bem na hora de amar

Mas, tempo não posso
Nunca (Quem sabe) te enfrentar
Se tu tens o meu destino
Quando irás me demonstrar

De qualquer forma – Tempo
Nunca sei o que quero
Apenas que Sigas
Faz tempo que te espero
Apenas que Pares
Na esquina...num bolero

Plantão Noturno

Chego na hora de começar
Alguém saindo ao terminar
Tudo eu faço para salvar
Nada mais posso senão rezar

Vejo todos sempre a sofrer
Querendo apenas sobreviver
Tudo eu faço, tento correr
Quase mais nada posso fazer

Alguém parece que vai partir
Será que ninguém pode sair?
Tudo eu faço para sorrir
Nada mais quero senão dormir

Falta cabeça para aceitar
Espero ansioso outro chegar
Tudo eu faço pra suportar
A dor de ver o meu outro chorar

Coração sentindo a mesma dor
A noite cai com seu rancor
Tudo eu faço por um cobertor
Nada mais quero, senão teu amor...

Recomeçando

E assim é a vida da gente
Um dia sorrindo tão tristemente
No outro chorando, muito contente

Viver é como uma viagem
A cada tempo recomeçando
De algum lugar ora saindo
Em outro lugar sempre chegando

Quando saio, deixo tristeza
Onde chego trago alegria
Vida forte, senhora riqueza
Deus que me dê esta euforia

Sigo neste caminho a me alegrar
Não queria, por vezes deixar
Alguém triste a lamentar
Embora sei que neste lamento
Lágrimas tem do recordar

Como viver em contradição
Se chego, feliz, não quero, senão
Se saio, gosto, saudade, em vão (?)
Te peço Senhor, tem compaixão
Neste rumo sem mundo, quanta ilusão
Até quando aguenta este meu coração?

Arnaldo Tavares de Melo

Nasceu na Paraíba-PB, em 1917. Filho de Damião Tavares e Orminda Tavares. Viveu em Recife, onde se graduou em Medicina, de 1930 a 1940. Dermatologista, Sanitarista, Geneticista; Professor de Patologia, Genética, Saúde Pública e Dermatologia. Desenhista, Pintor, Folclorista e Poeta.
Acadêmico fundador da APMED

Horas sem Minutos

Eu quisera
Que a minha última hora,
A última hora de vida,
Só tivesse segundos (ou átimos de segundo)
Para não sofrer
Nem sofrer aos outros fazer.

Tudo será tão bom
e simples!
como o coruscar
fulgurante de um raio
ou o piscar de estrelas!

Eu quisera
que a minha última hora
fosse uma hora sem minutos!

Trovinhas para Mariana

Minha neta Mariana
Me lembra u'a preta velha
Bem gorducha da Bahia
Assando peixe na grelha

Somente que é bonita
E inteligente demais
Com a idade de um ano
Já sabe quem são seus pais

Mariana é assim
Um bosque de raras flores
Moldura de lindo quadro
Bondade de mil amores

Mariana, parabéns
Que a data se repita
Que seja muito feliz
Cada dia mais bonita!

Poema das Mãos

Ouvi, amigos, o poema das mãos!
Destas mãos crispadas em desafio da eloquência da dor
que vai na alma!
Mímica extraordinária da força, do carinho, do afeto, do
afago, do consolo, do amor e do adeus!
Ouvi, amigos, o poema das mãos!
No jogar dos dedos, o esoterismo da mensagem!
Mãos calejadas pelo trabalho construtivo, brutal, vivo e
humano!
Mãos finas de aristocratas, mãos que arrancam das teclas
de um clavicórdio
ou de um piano uma sinfonia cromática de estrelas!
Uma canção de ninar!
Ou uma canção de amor ou de protesto!
Mãos que arrancam de uma tela um caleidoscópio de cores
e formas dando vida a um motivo às vezes morto!
Motivo de pintura!
Mãos que seguram um pincel, ordenando-lhe traços e
forma! Estrutura e função!
Mãos que brandem um camartelo e um buril para tirar do
nada o belo! O cinzel frio e impiedoso corta o mármore...
E dele nasce a vida como expressão de Arte!
Mãos que fazem um poema, um conto, uma saga, um haikai,
uma novela, um romance, uma história e muitas estórias!
Mãos que escrevem técnicas e batem teclas de máquinas de
computadores!

Mãos que premem botões, que levam mensagens de vida e de morte! (...)

Mãos que brandem o cálamo do poder! O cálamo da Justiça! Dos justos e dos loucos!

Mãos que curam por milagres, mãos do Cristo redivivo, mãos do Cristo taumaturgo! Mãos do Cristo médico, dos cirurgiões que dão vida e também conduzem à morte!

Mãos, como as de Deus, somente a dele que moldou do Limo a imagem do homem! Do Adão – Primeiro! E ninguém mais ousou imitá-lo!

Ouvi, amigos, o poema das mãos/ Elas são instrumentos de vida, de amor, de Carinho, de ensino, de Comunicação de Morte.

Ouvi, amigos, o poema das mãos!

Astenio Cesar Fernandes

Acadêmico Titular na cadeira 27 da Academia Paraibana de Medicina, cujo Patrono é o Dr. Edson Augusto de Almeida. Possui graduação em Medicina pela Universidade Federal da Paraíba (1975), especialização em Oftalmologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1978), doutorado em Oftalmologia pela Universidade Federal de Minas Gerais(1981), pós-doutorado pela Université Pierre et Marie Curie - LISE(1991).

Poemas livres

Oh! versos, livres poemas,
Voas nós braços de Hígia,
Indo beijar a lua

O ilusionismo da emoção
Encerra-te na ilusão,
Longe do pó da terra.

Teu grito maior
Nos traz magia,
Cantando a noite...
Ao encantar o dia,
No açoite do verbo,
A poesia.

O tempo

Abro a porta
Do mundo.
Vejo existência
Sem carne
A nos envolver...
Robustos braços!

Arejando ao belo,
Ao feio,
À sorte
Ao azar,
À vida
E à morte.
Ó eterno mistério,
Espiral da vida,
Deixa voejar
Meus versos,
Meu poema,
Minha poesia.

Nosso altar

As velas, candelabros,
Nesse abrigo,
São incêndios
Ao rito do amor.
Adornos na mesa
Só pra dois,
Chorando cera,
Louvando a beleza.
Olhares de luz
Em penumbra,
Acesos foram
Os olhos.
Vestido encanto,
Lágrimas de luz
Em cascata sublime,
Nosso belo altar.

Gitana

Correndo os dias,
Em fila indiana,
Carregam a história
Com a humanidade.

Nas mãos duma cigana,
De verdade,
Lidas as mãos
Como brinquedos.

Ao procurar as linhas
Dos segredos,
Querendo revelar
A trajetória,

Essa velha mulher,
Na longa estrada,
Vai lendo a vida,
Que assim é revelada.

Bruno Leandro de Souza

Presidente do CRM-PB – Formou-se em Medicina pela Universidade Federal de Campina Grande. Pediatra pelo Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira. Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Católica de Santos. Doutorando em Bioética pela Universidade do Porto. Conselheiro Estadual de Saúde. Vice-presidente da Sociedade Paraibana de Pediatria. Membro titular do Departamento Nacional de Bioética da Sociedade Brasileira de Pediatria. Coordenador do Internato de Pediatria do Centro Universitário de João Pessoa. Professor de Gestão em Saúde e Liderança da Faculdade de Medicina Nova Esperança.

Soluço

Agora eu já posso chorar
E vou chorar até soluçar
Por uma vitória da vida
Desprende a lágrima esquecida

O choro, antes por tristeza,
Fez secar os meus olhos pela dor
Mas o tempo com toda esperteza
Brotou a fé, acalentou...

Lacrimar apenas seria insensível
Quero sentir escorrendo pelo rosto
Faltando o ar, sentido o gosto...
Um momento que já é inesquecível

E o meu soluço todos vão sentir
E não serei o único a soluçar
O choro hoje é de alegria
E o soluço é pra desabafar

Preensão palmar

Um gesto simples, firme e preciso
Mero reflexo, um improviso
Uma pintura de pura sorte...
Nenhum aperto de mão é mais forte
Que a de um filho que acabou de nascer
Fechando a mão envolvendo seu dedo
Faz o homem por dentro tremer

E não é por medo!

É que simples é o que encanta
Uma simplicidade que se espanta
No calor de um afago inocente...
Nenhuma imagem é mais presente
Que a de um filho que acabou de nascer
Fechando a mão envolvendo seu dedo
Faz o homem por dentro tremer
Simples é o segredo!

Deborah Rose Galvão

Membro da Academia Paraibana de Medicina na cadeira 36. Graduação em Medicina pela Faculdade de Medicina de Campina Grande (FMCG). Especialização em Clínica Médica pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em Saúde Pública e Administração Hospitalar pela Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP). Mestrado em Desenvolvimento Humano pela UFPB e doutorado em Medicina e Saúde pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora Associada do curso de Medicina da Universidade Federal de Campina Grande(UFCG).

Quero ser

Da vida, não quero o sol ofuscante:
prefiro o brilho discreto da estrela.
Ante a inflexibilidade do carvalho,
Prefiro a humildade do arbusto que se curva ao sabor do
[vento.

Não quero a infinitude dos oceanos,
mas a tranquilidade de um rio que vai terminar no mar.
Me agrada mais o som de um violino
em contraponto à sinfonia da orquestra.

Nem rosas nem tulipas quero ter,
prefiro colher nos campos as flores silvestres.
Não quero as torres das catedrais, nem o ouro dos altares:
a madeira simples das capelas me satisfaz.
Quero a imperfeição dos homens diante dos seus deuses
[perfeitos.

Quero o ser.

Quero ser.

Contidos

Mãos que seguram
vôo de pássaros
Olhos que escondem
brilho de estrelas
Bocas que calam
Acordes de música
Gestos contidos
querendo se dar

Brilho brotando
do fundo do olhar
Grito calado
que quer se lançar

Estava escrito

Reencontrar-te
Foi a volta do filme
Após o intervalo
O trem
que se recolocou nos trilhos
O fio da meada
que se retomou.
Reencontrar-te

É o ar que se respira
após o mergulho
E a luz que se vê
ao fim do túnel.
Reencontrar-te
Foi reencontrar-me:
O peregrino que
Ao encontrar o oásis
bendiz a árida caminhada.

Eterno

Um amor que ficou cristalizado
como as pedras das salinas de Natal
como as estalactites das cavernas de Minas
ou os icebergs dos mares do Norte.
Um amor que se infiltrou nos relógios
e conseguiu burlar o tempo,
não o deixando avançar.
Um amor para o qual a distância deixou de existir
como palavra e fato,
pois vai do fundo do mar ao topo da montanha
à lua, aos planetas e às galáxias
e sempre volta, inteiro e renovado.
Como o que era nosso desde o início de todos os tempos.

Delosmar Domingos de Mendonça

Ocupou a Cadeira 07 da Academia Paraibana de Medicina, cujo patrono é Chateaubriand Bandeira de Melo. Paraibano de João Pessoa, nasceu em 25.01.1933 e faleceu na Capital em 18.07.2013. Ingressou na FMUPB e colou grau em 08.12.1961. , foi Professor Assistente e depois Titular da Disciplina de Ginecologia e Obstetrícia da UFPB, Membro da Sociedade Paraibana de Médicos Escritores.

Oitenta anos

Cheguei aos oitenta anos,
Vivendo as poucas alegrias
E um monte de desenganos
Disfarçados em fantasia.

O tempo passou sem ufanos,
Suportei as diversas ironias,
Convivendo com os tiranos.
Foram formas de ousadia.

Na face, eu tive o riso e pranto
Por toda minha passada vida
Repleta de tanto desencanto.

Se tão minguado acalanto
Eu tiver antes da partida,
Faço meu derradeiro canto.

Segura na mão de Deus

Não temo que chegue a noite traiçoeira,
Mesmo sabendo carregar a pesada cruz
Pois tristeza me foi sempre companheira
Até agora, quando está fugindo a luz.

Com meu corpo tão repleto de canseira
Caminho segurando a mão de meu Jesus.
Estou fraco e velho, vou subindo a ladeira.
Segurando a mão Daquele que conduz.

Caminho, sendo levado para o esperado céu
E, no Paraíso, alegre vou receber meu laurel
Do Senhor Deus, esse almejado gesto.

Para mim, a existência foi bastante cruel.
Porém, acho que desempenhei meu papel.
Procurei ser bom, ser caridoso, fiel e honesto

Contrito e genuflexo

Meu Deus, criador do céu da vida eterna,
Que redime os pecados e criou os santos,
Ilumina o caminho com tua lanterna,
Ouve as preces deste pecador em prantos.

Pequei contra o Senhor que me governa,
Esqueci diversos de Seus mandamentos,
Mas não matei, não roubei, levei vida terna.
Procurei guardar apenas os bons intentos.

Contrito e genuflexo, com imensa fé, agora,
Arrependido, triste eu, humildemente peço
Misericórdia e fé para este filho que chora.

Mesmo pecador contumaz, o louvo e adoro,
Perdoa meus pecados que hoje confesso,
E as ofensas deste inveterado que te implora.

Edilson Pinheiro do Egito

Acadêmico titular da Cadeira 09 da Academia Paraibana de Medicina.
Graduado pela UFPB em 1973. Especialização: Divisão de Dermatologia
do Hospital das Clínicas da USP. Especialista em Dermatologia e
Hansenologia. Ex-Presidente da Sociedade Brasileira de
Dermatologia – Regional Maranhão / Paraíba.

Verdade absoluta

Mentaliza uma música celestial,
suave como uma peça de Bach,
ou oriental e surrealista como o som de Kitaro,
extraído ao sintetizador.
Imagina esse ambiente de paz,
sem dores ou traumas, neuroses ou angústias.
Vislumbra em cada despertar uma nova aurora
e inicia o tai-chi-chuan até alcançar-se a sublimação.
Sentir-te-ás destarte perto do deus conceitual
e poderás assim, amar sem mentir, chorar sem fingir,
transmutar sem partir.
Compreenderás o êxtase
e tentarás, então, conhecer a verdade absoluta.

Cosmos

Filósofos e astrofísicos
em vão tentam explicar
o indefinido espaço do cosmos.
Einstein, Sagan e Hawking esbarraram
em teorias e equações que jamais finalizaram.

Como entender um fim que não tem fim ?
Como explicar um espaço infinito ?
Relatividades, cordas ou ondas gravitacionais,

tampouco teoremas de encurvamento espaço-tempo
são capazes de tudo explicar.

Deve haver uma verdade, um logos especial,
com forma ou fronteira atemporal,
pois inteligência alguma consegue conjecturar
nem modelo algum pode diagramar
este inimaginável espaço etéreo onde estou.

Últimos versos

Versos ... Por que ainda os faço?
por que ainda preciso exorcizá-los?
Faço-os, porque necessito vomitá-los,
evitando, assim, que estourem meu baço.

Alguns os consideram malditos,
mas Beaudelaire, Goethe e Zenão
escreviam e sabiam que não;

são simplesmente íntimos conflitos.

Hoje, onde estou, respiro mormente olores
acres, sufocado por eternos dissabores,
sofrendo a solitária individuação.

Do além túmulo, esses versos serão os últimos,
ou, quiçá, os penúltimos,
pois me foi furtada a inspiração.

Dores da alma

Ah! Coisas que pressinto,
pensamentos que chegam a mim, porém sem virem de
mim.

Fazem-se presentes, insistem e tornam-se sementes.
Traumas e dores de essências não físicas,
de tênues nuances , sutis e até metafísicas.
Difíceis de explicar ou quantificar,
impossíveis de suportar e ainda mais de superar.
Monoideísmos que machucam, insistem e eternizam.
Por que não vaporizam?

Por que unguentos perfeitos não atenuam
e terapias analíticas não desacentuam?
Talvez , simplesmente, por serem dores da alma
e a academicista ciência ainda não sabe exorcizar.

Eudésia de Carvalho Vieira

Nasceu em 08.04.1894, no município de Santa Rita – PB e faleceu em 16.07.1981, em João Pessoa-PB. Formou-se em Medicina em 1934, no Recife-PE. Doutorou-se em Ciências Médicas e Cirúrgicas e exerceu a profissão em João Pessoa. Como escritora, jornalista e historiadora, ingressou no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano em 03.06.1922.

Faz parte dos fundadores Eméritos da APMED.

Hino a Tambaú

Tambaú é praia linda
A primeira entre as demais
Porque é um raro conjunto
De belezas naturais.

O bairro de Maceió
Tem vetustas gameleiras
Onde os pássaros solfejam
Ruidosas canções brejeiras.

O bairro de Santo Antônio
Com seus coqueirais compridos
Dá-nos profundas saudades
Dos bons tempos decorridos.

De tal sorte, esses dois bairros
É a existência da gente,
Num, resplandece a alegria,
Noutro, a lágrima plangente.

As jangadas pequeninas,
À luz do sol que desmaia,
São como gaivotas brancas
Beijando a areia da praia.

Nas noites de plenilúnio,
As águas são cor de prata
Pelos eflúvios da lua
Que sobre o mar se desata.

Os currais perto da costa
Se balançam sobre águas,
Corações tentando, embalde,
Sacudir do peito as mágoas.

Na minha existência, às vezes
Eu consagro horas inteiras
A terra em que nasceu
A mais gentil das praieiras.

Realidade

Passam-se os tempos céleres, levando
As esperanças dúcidas da vida,
E, em vez de risos, a alma entristecida
Prantos derrama, sempre a sós, cismando.

Das ilusões que já se vão em bando,
Qual da campina de verdor despida,
A multidão ingrata e fementida
De borboletas pelo azul vagando.

Passam-se os tempos, e a alma esperançosa,
Que se sentia alegre e descuidosa,
Ao ver, bem cedo, o despontar dos dias.

A ação improdutiva da descrença,
Transida de glacial indiferença,
Vai sepultando nossas alegrias.

*Depois do torpedeamento do
“Afonso Pena”*

Se do destino a garra assaz ferina
Empenhou-se em frustrar todo o meu sonho,
Se no canteiro, onde as sementes ponho,
De flores raras só nasceu bonina,

A experiência facilmente ensina
Um vaticínio pérfido, tristonho,
Que decifrar procuro se componho
O romance total de minha sina.

Relembro a voz da flor meiga e dolente,
Arrastada, vagando na corrente,
Como os que tombam numa luta inglória.

Mas, por detrás dos escarcéus da sorte,
Um braço erguido me apontando o norte
Faz-se cantar prelúdios de vitória

Meu Brasil

Salve o Brasil querido, majestoso,
Guerrilheiro moreno, impávido, tenaz,
No campo de batalha, és tupi valoroso,
Sabes consolidar teus direito de Paz.

Quando em vastos salões o teu colar plumoso
De cacique supremo assoma altivo, audaz,
Revives Camarão, André, Barroso,
Caxias, o caudilho intrépido sagaz.

Tudo o que é grande em teu seio, a exuberante flora,
A fauna singular, a vibração sonora
Das cascatas, do mar, espaço sempre azul.

Conservas as tradições do heroico e grande povo,
E de amor fraterno, cantando um hino novo,
Refulgirás à luz do Cruzeiro do Sul

Eugênio de Carvalho Júnior

Nasceu no Bairro de Vila Isabel, antigo Estado da Guanabara, hoje Rio de Janeiro, em 06.09.1914 e faleceu em João Pessoa-PB, em 02.07.1995. Formado em Medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, em 1941 e, em Química Orgânica, Fisiológica e Nutrição, disciplinas das quais foi professor. Escritor e membro da APL Fundador e presidente por três mandatos, da Academia Paraibana de Medicina, integrante da Academia Paraibana de Letras.

Trovas

As sementes de ternura
que plantei no meu caminho
Deram cardos de amargura
que triste eu colho sozinho.

Se alguém perguntar, amor,
se ainda gostas de mim,
eu lhe peço, por favor.
minta... mas diga que sim!

Fez a ponte de safena
foi feliz, convalesceu;
quando a conta entrou em cena,
teve outro infarto... e morreu!

Contemplando com ternura
teu retrato já sem cor,
eu desejei ser moldura
para cercar-te de amor!

Quando o Nordeste é braseiro,
e a seca cruel avança,
só é verde o juazeiro,
simbolizando a esperança.

Ao ver que a crioula estava
toda tremida na foto,
o português se babava:
Essa nega é um terremoto!
Meu Presente - À querida Ofélia

Se a Ventura se desse de presente,
Toda que existe iria te ofertar.
Construiria um mundo diferente
E nele edificava o nosso lar.

A Saudade que, às vezes, docemente,
Uma lágrima nos olhos faz rolar,
A mágoa, a Dor, o Pranto, certamente,
Não iriam morar neste lugar!

Só o Riso que espoca de teus lábios,
Numa alegria franca, sem ressaibos,
De quem vive feliz, talvez demais;

E o Amor, que nos traz tanta ventura,
Que faz com que me queiras com ternura
E que eu te quera, assim, cada vez mais!

Cadáver desconhecido

Eu passei pela vida sem viver,
Não tive amigos e não tive amores.
A fome conheci. Nas minhas dores,
Nem a fé que conforta eu pude ter.

Sem festas, eu nasci e fui morrer
Sem prantos e sem luto, tão sem flores!
Não voltarei à terra, de onde horrores
De uma existência má quero esquecer.

Meu corpo duro, sobre a lousa fria,
De um lúgubre salão de Anatomia,
Um cadáver será desconhecido.

Corta-me todo! Vês? Esta matéria
É o despojo que resta da miséria
De quem nunca deveria ter nascido.

Dissociação

Tantos sonhos,
Tanta luta,
Tanto anseio
E tudo por terra
Porque a morte quer!
Eu não queria morrer tão cedo assim.
Numa tarde tão linda, tão serena,
Quando sinto minha alma tão florida,
Embriagada de sonhos e esperança!
Meu corpo está enfermo,
Muito enfermo
Já não tem mais salvação,
Mas que viva a alma
Porque a alma é imortal!
Despregada do corpo, ela, liberta,

Alçará nos páramos sem fim.
A procura de um pouso no infinito.
Mas meu corpo,
Pobre meu corpo,
Será sepultado numa cova rasa,
Tão rasa,
Apenas sete palmos de fundura!

Por isto minha alma
Não poderá ser sepultada com meu corpo:
Porque é grande demais
Para caber numa cova tão pequena.

Evaldo Dantas da Nóbrega

Acadêmico Titular da Cadeira 02 da Academia Paraibana de Medicina, Nasceu em Patos-PB, em 01.09.1954. Colou grau em 1980. Especialização em Cirurgia Geral, em Brasília-DF e em Coloproctologia, em São Paulo-SP. Servidor Público Federal do Ministério da Saúde, lotado no Hospital Universitário Alcides Carneiro da UFCG, do qual foi Diretor-Geral. É o atual Presidente da Associação Médica de Campina Grande-PB. Membro Titular do Instituto Histórico de Campina Grande, da Academia de Letras de Campina Grande e da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores.

Qual...

O ventre que a vida germina,
O seio que a criança amamenta,
O pai que a prole orienta,
A mão que ao outro é solidária,
A estrada em que os pés
[enveredam,]

O pássaro que ao voo das asas,
O sol que a terra aquece,
A lua que a noite ilumina,
A estrela que no céu é bússola,
A montanha que acolhe a
[alvorada,]

O dia que os raios solares
[enobrecem,]

A primavera que as flores
[enfeitam,]

O verão que o corpo rejuvenesce,
O mar que na areia se espraia,
O sonho que a vida inveja,
O vento em que as folhas
[flutuam,]

A barca que ao mar se atira
O ninho em que os ovos
[aquecem,]

O horizonte que as nuvens
[embelezam,]
A criança que brinca de roda,
A mulher que pelo lar não
[esmorece,]
O homem que pela família se
[engrandece,]
O jovem de caras-pintadas de
[esperanças,]
O ancião que na esperança de
[vida ensina,]

A praça que é como um palco de
[liberdade,]
A seiva que o gume do machado
[perfuma]
A chuva que molha e da vida à
[terra]
O outono em que as árvores
[frutificam,].
O soldado que pela Pátria tomba,
O cão que pela fidelidade a vida
[arrisca.]
A paixão que no peito arde
[cegamente,]
A dor de amor que no coração
[explode]

O sorriso que lábios não
[conseguem esconder,]
O amor que por si só é capaz de
[morrer.]
O espírito que o corpo carrega,
O ódio que por amor perdoa.
O abraço que põe fim a distância,
O medo que a realidade enfrenta,
A alegria que a tristeza espanta,
A mágoa que de amargura
[nodoa,]
O afago que a carícia não nega,
O irmão que no sofrer mais se
[aproxima,]
O vaqueiro que à caatinga se
[entrega]
O nordestino que do seu destino
[não foge]
O retirante que seu torrão não
[esquece]
A despedida que a lágrima reflete
A lágrima que o rosto esconde
A criada que o nosso filho
[acalenta]

O aroma que tua presença denota
O olhar que teus olhos percebem,
A alvorada que teu sono desperta,
O samba que ao asfalto desce,
O enfermo que ao seu médico não esquece,
O rio que o seu leito não abandona,

O cárcere que a liberdade nos rouba,
O pôr do sol que o ocaso do dia que finda.
O amigo em que a lealdade é símbolo
O sangue que as tuas veias aquece.
O lar que a família nobilita,
A surpresa que o coração ainda agita,
A morte em que a vida renasce na eternidade,
A sepultura que o passado encobre,
A bondade que o teu ser não esquece,
A flor que a brisa perfuma,
O trabalhador que da luta não se cansa...
E enfim, qual este nosso reencontro...
A saudade de ti, querida MESTRA,
Em que nesta tua presença se dissipa,
A felicidade que o teu sorriso me dá,
A distância que este reencontro vem superar,
Por Deus, qual seria o outro "QUAL"
Enfim, que neste singelo poema,
Por certo, eu terei esquecido?

Fernando Paredes Cunha Lima

Acadêmico Titular da Cadeira 30 da Academia Paraibana de Medicina, cujo Patrono é o Dr. Napoleão Rodrigues Laureano. Nasceu em João Pessoa-Pb. Graduou-se em medicina em 1969 e fez residência médica em Pediatria no Hospital de Sobradinho, em Brasília, e estágios na Espanha e no Canadá. Tem título de especialista em Pediatria pela Sociedade Brasileira de Pediatria.

Atalho do verso

Corri por fora seguindo um atalho,
Para tentar assim chegar à frente,
Fazer um verso então bem diferente,
Sem ser apenas pra quebrar o galho.

Se por longos caminhos me espalho,
Por mais que seja o mundo indiferente,
A poesia torna-se exigente,
Por isso mesmo dando mais trabalho.

Mesmo sabendo que corri atoa,
Enquanto o verso tão depressa voa,
Querendo se mostrar quem é de fato.

Se por todo este caminho percorrido,
Renova-se num percurso já havido,
Cumprindo logo o seu desiderato.

Um verso sob a mesa

Encontrei um verso velho sob a mesa,
Apanhei e a coloquei em um papel,
Sob a forma de um som sem decibel,
Datei um verso cheio de incerteza.

Nem sei se mesmo assim tinha beleza,
Como se fosse um mimo lá do céu,
Pensando bem foi só um verso ao léu,
Que se formou em meio da tristeza.

Salvo de um papel todo amassado,
E displicentemente encontrado,
Dum sonho de poeta em plena noite.

O verso mesmo assim de pé quebrado,
Tenta ressurgir do seu passado,
Sem brilho, tão sem rima e sem açoit.

Aprendiz de soneto

Depois de estudar cada terceto,
Maravilhado com tanta estesia
Meu corpo se encheu de alegria
Até chegar a ler todo quarteto,

Juro, melhor, de fato eu prometo,
Estudar mais para ver se aprendo,
Na minha ignorância se entendo,
Como fazer para escrever soneto.

Depois de tanto ler com atenção,
Enchi a minha mente de paixão,
Pois isto era tudo que eu sempre quis.

Mas coitado de mim nada adianta,
A rima a cada verso me espanta,
É tudo muito para um aprendiz.

Plenitude dos preceitos

Na plenitude dos nossos preceitos,
Criar caminhos atingindo regras
Que o nosso Semelhante nos entrega,
Sem estabelecer vãs preconceitos.

Conflitos existirão, terão direitos,
Sabendo disto quase ninguém nega,
Que apesar de tudo o choro rega,
Por mais que nos sentirmos satisfeitos.

Limpo desta lembrança que existe,
Resquícios de um passado que resiste,
Acima de um bem ou de um mal!

Nos lares haverá tantas virtudes,
Que acobertam tais vicissitudes,
À luz de uma eterna catedral.

Flávio Ferreira da Silva Maroja

Patrono da Cadeira 11 da Academia Paraibana de Medicina, nasceu em 1º de setembro de 1864, na Fazenda Chaves, então município de Pilar, hoje município de Gurinhém. Ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia e, depois de quatro anos, mudou-se para a Corte, no Rio de Janeiro. Diplomou-se em dezembro de 1888, quando recebeu o título das mãos de sua Majestade, o Imperador Pedro II. Regressou à terra natal e foi indicado pelo então Presidente da Província, Silvino Carneiro da Cunha, o Barão do Abahy, para prestar serviço no Batalhão de Segurança da paraíba.

Salão Vermelho

Salão vermelho, que gosto!
Que lembrança, uma ideia!
O seu autor bem merece um poema, uma epopeia.
Mas, tudo ali, diz-se é belo
E não se corre outro risco
Além de ver-se aos cantos
As armas de São Francisco.

O meu galo-de-campina

Tive um galo-de-campina
Saltitante, cantador,
Toda gente apreciava
A sua voz de tenor.

Um vizinho de maus olhos,
Desejando possuí-lo,
Certa vez ofereceu-me
De ouro de lei, um quilo.

A dona da casa um dia
Notou-lhe muito tristonho:
Não comia, não cantava,
Seu viver já era um sonho.

Um mandingueiro que o viu
Disse muito admirado:
Sinhá dona, seu passarinho
Tá doente de “oiado”

Disto isto, o meu tenor
Abriu o bico e morreu,
Deixado muita saudade
A quem bem o conheceu.

Senti, chorei, inda choro,
Lamentando a triste sina
De ter morrido de olhado
O meu galo-de-campina.

Francisco Alves de Lima Filho

Nasceu em Catolé do Rocha (PB). Formou-se em medicina e depois de formado clinicou na cidade de Paraíba do Norte, posteriormente chamada João Pessoa. Tornou-se também professor de francês no Liceu Paraibano. Depois que o marechal Deodoro da Fonseca, sustentado por setores do Exército e por civis, depôs o gabinete de ministros do Império chefiado pelo visconde de Ouro Preto e instalou o regime republicano em 15 de novembro de 1889, aderiu à República e foi eleito deputado estadual na Paraíba por uma legislatura. Em 1912 foi eleito deputado federal e ocupou uma cadeira na Câmara dos Deputados, na cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, de maio desse ano a dezembro de 1914.

Hino da Paraíba

N'a alvorada do futuro, Por sobre ondas de luz,
Surge o pendão auriverde
Da terra de Santa Cruz.
No seio conduz ao mundo
Onde o sol do equador
Cintila ordem e progresso,
Liberdade, paz e luz.

(Coro)

Cidadãos, eia! Marchar,
Santo é nosso dever,
Quem conquista a liberdade
Livre só pode morrer

Genival Veloso de França

Nasceu em 04.03.1933, em João Pessoa-PB. Ocupante da cadeira 35, da Academia Paraibana de Medicina, empossado em 16.02.1995 e hoje Acadêmico Emérito. Colou grau em Medicina em 05.12.1959, pela FMUFPB. Professor Titular de Medicina Legal dos Cursos de Medicina e Direito da UFPB; membro da Academia Internacional de Medicina Legal e Medicina Social, com sede em Roma (1976); Professor de Medicina Legal do Portugal; membro Titular da Academia Brasileira de Ciências Médicas e Sociais, com sede em São Paulo e membro da Sociedade Paraibana de Escritores Médicos

Acróstico para Derci

De todas as flores do mundo,
És a mais linda que existe.
Receba estes versos, querida,
Com a mágoa da partida,
Indo comigo seu coração

Só Saudade _ (samba-canção)
Olha que manhã linda!
Esconde esta tristeza,
Minha velha amiga.
Eu trago esta cantiga
Só para te agradar.

Canto do Amanhã

Mil bandeiras do Divino,
Nos caminhos do Sertão.
Na frente do Conselheiro,
Nos ombros da multidão,
Ensinava o caminho do céu,
Céu na terra do Sertão.

Meu Pecado - (samba canção)

Reconheço, esse amor é impossível.
Nossa lei não permite, eu bem sei.
Os olhos dela, Senhor, pediram tanto,
Que confesso, num instante eu pequei...

Geraldez Tomaz

Acadêmico Titular da Cadeira 38 da Academia Paraibana de Medicina, cujo patrono é o Dr. Vanildo Guedes Pereira. Nasceu em Remígio-PB, em 13.04.1942. Estudou na cidade natal e em João Pessoa. Colou grau pela FMUFPB em 1968. Especialização em Ginecologia e Obstetrícia. Professor do Centro de Ciências da Saúde da UFPB. Ex-Superintendente da antiga LBA e Ex-Secretário Municipal de Saúde.

Poesia em solenidade desta Academia

Resolvi fazer uma poesia
Em solenidade desta Academia.
No dizer da filósofa Shelley,
A poesia imortaliza todo o que há de melhor
E o mais belo deste mundo.
Então tomei a resolução,
De forma muito simplória
Mas, neste momento de glória,
Vislumbrei a Filosofia,
Ciência geral dos princípios,
Homenageando nossa consagrada Academia.

Em uma academia cultural,
A melhor forma de ficar célebre
É considerar-se imortal,
Ao adentrar nesta augusta casa
Na forma regimental,
Estatutariamente sabido,
Senti-me um pouco aturdido,
Pois mexe com o emocional.
Feliz é estar entre os mestres
De valor inestimável
E de forma transcendental.

Assim, o Professor Vanildo
Exercitou sua cardiologia,
Como doente nos precisou
Que o eletrocardiograma era excelente,
Aliado à videocardiografia,

Transmitida pelo atualizado acadêmico
Professor Francisco Assis dos Anjos.
Eles foram pioneiros,
Entusiastas primeiros
Nestes métodos, como fator de predição
Das patologias do “ultimum moriens”
Ou do sofrido coração.

O Professor Pedro Palitot,
Devotado e exímio cirurgião,
Se hoje estivesse entre nós,
Teria seus noventa anos de idade
De dedicação à família
E à nossa sociedade.
Com seu desvelo e carinho humanitário,
Completava o seu senso de humanismo
E seu perfil igualitário.

Guilherme Travassos Sarinho

Acadêmico Titular da Cadeira 18 da Academia Paraibana de Medicina.
Formado pela UFPB. Cirurgião Geral e do Aparelho Digestivo e Cirurgião
de Emergência. Fez residência médica em Cirurgia Geral em São Paulo.

Membro da Academia Paraibana de Letras Maçônicas. Membro da
Academia Maçônica de Ciências e Letras da Paraíba.

As duas santas

A minha mãe se ajoelhava
E orava à Virgem Maria,
Uma santa escutava,
O que outra santa dizia.

De joelhos ela ficava,
Como ela sempre fazia.
Luz clara se irradiava,
Das duas naquele dia.

A minha mãe numa prece
A outra santa enaltece,
Numa oração que inebria.

À virgem ela agradece
E a sua alma enobrece:
Era por mim que pedia.

O moribundo

Dentro de humilde cabana, solitário,
Consumido pela lepra impiedosa,
Um preto velho agoniza em seu calvário...
Só tem ao seu lado um cão – alma bondosa.

Ao longe, um sino toca no campanário,
E brilha no céu, a lua majestosa.
Tendo o luar, apenas, por sudário,
Na solidão, estertora alma ditosa.

E na soleira da porta de repente,
Surge um moço de aspecto imponente,
Circunvalado por uma intensa luz.

Diz-lhe o moribundo: “moço, não entre...”
E sorrindo o moço diz suavemente,
“Eu só vim buscar você... Eu sou Jesus!”

Sonetos de amor

Eu fiz tantos sonetos e te dei
Como prova sublime de amor.
Cada soneto meu é uma flor,
Que com métrica e rima eu criei.

Eu sei bem que na vida eu te amei
E os sonetos que fiz tinham valor.
Lindos sonetos cheios de fulgor.
Eram quadros de amor que eu pintei.

E quando um dia eu tiver partido,
Garanto que para onde tiver ido,
Que farei versos para ti querida.

Nas visitas quando eu tiver morrido,
Olha o meu túmulo, vai estar florido!
São sonetos que faço na outra vida.

Cântico para Tróia

Canto ó deusa, de Aquiles sua fúria,
Que sobre a infeliz Tróia se abateu.
Desse mito que Homero descreveu,
E da qual só sobrou morte e lamúria.

De Helena só viram paixão espúria,
Que da Grécia cruzou o mar Egeu.
E dos bravos guerreiros de Perseu,
Violência de centúria após centúria.

Do cavalo que Troia recebeu,
Presente de Ulisses ou Odisseu,
Que a Hélade até hoje nos ensina.

Se Heitor como um valente combateu,
Mesmo assim, Tróia desapareceu,
O amor de Paris causou essa ruína.

Hermano José Falcone de Almeida

Possui graduação em MEDICINA pela Universidade Federal da Paraíba (1991), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (2006) e doutorado em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (2010).

Atualmente é professor assistente da faculdade de ciência médicas e professor substituto da Universidade Federal da Paraíba. Tem experiência na área de Medicina, com ênfase em Medicina, atuando principalmente nos seguintes temas: psiquiatria infantil, psiquiatria, epidemiologia em psiquiatria infantil, pedofilia e bullying.

Sina sim

Mano velho, tu estás ainda?

Indo?

Inda?

Princípio tu não vicejava.

Morto te acreditaram.

Cravaram.

Torto, morto, vida matada.

Encruzilhada.

Dá em nada.

Aos 18, trégua deu.

Ossatura desmilinguida.

Curto intervalo?

Bobagens fiz, entre errar e tentar respirar.

entretanto, do instante,

Quis gente sendo e não fui.

O demônio ou a cruz?

Incerto

Nada é tão tarde
que cedo não seja.
O sabor da cereja e
o amargo do fel.
Quem vê o mal
por capeta se passa.
Tudo está no doce-fel
da fruta proibida.
Ossos de vidro? Partiu.
Todo caminho é incerto.

Coagulado

Desejo. Labirinto,
instinto. Extinto?
O quê? Despejo?
A imaterial forma
do nada?

A morte me limitando?
Desejando o sétimo selo,
meu sim? Aposto, reposta
demente, sapiens que joga.

Joga, dados viciados.
Vadios e marcados,
Parcas que cortam, o sangue
coagulado, infinito desejo.
Veneno, beijo e morte!

Gótica melissa

Melissa, moça educada,
Quinze anos tem há
pouco completar.
Nascida no Bessa,
única filha entre
dois irmãos.
O mais velho, João,
Dos dezenove não passou.
dirigindo alcoolizado,
ao limbo retornou.
repetiu o pai, que,
para suprir a ausência
o presenteou com bens.
Amém? Amém também.

Joaquim Monteiro de Franca Filho

Acadêmico Titular da Academia Paraibana de Medicina na Cadeira nº 39, cujo Patrono é o Dr. Waldomiro Pires Ferreira. Aprovado em vestibular realizado em 1965, graduou-se em Medicina em 1971. Em 1990, formou-se, também em Direito pela UEPB. Professor de Ginecologia da Faculdade de Medicina de Campina Grande, Coordenador da disciplina de Ginecologia do Departamento Materno, Chefe do Departamento Materno-Infantil, Coordenador do Internado do .Curso de Medicina.

A árvore agonizante

Quem por aquela calçada passava
E ficava alguns minutos a contemplá-la,
Procurando sua beleza deslumbrante
Não imaginava que a pobre árvore
Encontrava-se quase morta, agonizante.

Espécie rara em nossa vasta flora,
Com importância impar para o sistema ambiental,
Esquecida, desprezada, relegada.
Lá estava ela resistindo às intempéries,
Muito embora sua aparência fosse quase sepulcral.

Tronco oco, galhos secos, folhas escassas, quase inexistentes.
Moribunda, quase às portas de uma morte inexplicada,
O velho tamboril se torna suplicante,
Árvore centenária e de beleza rara
Implora em silêncio que alguém a torne radiante.

Eis que alguém, atendo às suas súplicas,
Deu-lhe tratamento nota mil
E agora a velha árvore se encontra majestosa,
Com mais ânimo, bonita e frondosa,
Para mais um centenário, o velho tamboril.

Visita médica na roça

Ao fazer uma visita domiciliar,
Recebi de presente um jerimum,
E a paciente, temerosa e humilde:
- Receba Doutor, é de coração,
Pois não posso lhe pagar.

Aquela humildade para mim foi comovente
E, como médico, fico sempre a analisar
Como há colegas que não sabem dar valor
Quando são contemplados com este tipo de presente.

Mas, na nossa profissão, não devemos valorizar
Só dinheiro que nem sempre traz felicidades,
As vezes, um simples presente tem mais importância,
Quando é oferecido por quem não pode pagar.

E, ao sair daquela humilde residência,
Com o pensamento embotado pelo baixo astral,
finda focado na pia ciente, e como é tão difícil
Fazer medicina a este País tão desigual.

Lenisio Bragante de Araujo

Nascido em 01/01/1955, na cidade de Alagoa Grande PB. Filho de Maria de Lourdes Bragante de Araujo e Anísio Henriques de Araujo. Formou-se em Medicina na UFPB em 1984. Fez residência médica em Cirurgia Geral no HULW da UFPB. Foi professor de Cirurgia Vascular e Base da técnica Cirúrgica. Fez mestrado na UFPE em 1997. Trabalha como Cirurgião Geral no HEETSHL e como médico intensivista no SOS UNIMED JP.

Morrer e deixar viver

Quero doar os meus órgãos
Quando da vida eu sair
Podendo ajudar alguém
Que ficará por aqui.

Se a sorte me prover
A morte como canção
Doarei todos os órgãos.
E por último o Coração.

Córneas, ossos, músculos e pele.
Apenas pra começar
Caso sejam equipes boas
Nada de mim restará.

Português coloquial
O eu em lugar do mim
Para fugir da diálise
Você ganhará um rim.

Fígado, pâncreas, intestinos.
Poderiam servir bem
Tirando da fila longa
O sofrimento de alguém.

O coração, os pulmões.
Serão retirados enfim
Já o rosto não senhor!
Doar careta é ruim.

Todos órgãos que citei
E outros mais se quiserem
Doados com muito amor
Rejeição jamais; jamé.

Alma, não posso doar
Pois sei que minha não é
Além do mais a grandeza
É encontrada na fé.

Dor o infortúnio do homem

A dor acompanha o homem
Desde da sua criação
Há delas que são tão fortes
Que não têm remédio não.

Certamente não existe
Dor pior que dor de dente
Essa dor que já tirou
O sono de muita gente.

Existe dor de cabeça
De ouvido há também
Mas uma dor de barriga
Faz alguém perder o trem.

Dor na boca do estômago
Desgraça da humanidade
É a chamada dor da fome
Que grande calamidade

Dor do parto
E da partida
O que dói no corte hoje
Amanhã dói na ferida.

O infarto dor maior
Quando atinge o coração
Não há remédio que passe
Se não tiver sedação.

Dor renal ou pancreática
Não sei qual é a pior
O paciente chorando
Comove e causa dó.

A coluna quando dói
Você perde a compostura
Fica buscando uma causa
Que pode estar na postura.

A junta também chamada
De nobre articulação
Quando dói pode avisar
Doenças do coração.

Quando um amor vai embora
Deixa o outro em desespero
Provocando imensa dor
Chamada de cotovelo.

Dentre todas não existe
Não há remédio ou ciência
Porque ela atinge a alma
É a dor da consciência.

A vida por um fio

O fio é catgut
Faz a sutura total
No entanto não segura
E para outros faz mal

O mononylon é bom
Forte e só com um filamento
Evita infecção
Mas pesa no orçamento

O vycril é excelente
Corre bem, amarra e fica
Embora não seja feito
Amarra como ninguém um segmento de tripa

Catgut este aí sim
Desvantagem tem de fato
No início ele surgiu
Do intestino de gato

Hoje melhorou um pouco
Este fio de animal
Mas continua, às vezes
Ao homem fazer mal

E mesmo fazendo mal
Uma cirurgia acode
Urologista usa muito
Para operar fimose

Em criança que no sexo
Ainda não tem papel
Inventaram um dedal
Chamado de plastibell

Quero voltar para o fio, pois não sou urologista
Um outro que é muito usado querem lhe deixar de lado
Ele tora e não estica

Estou lembrando a você
Como em vara de condão
Que a sutura será feita
Com o famoso algodão

Este sim é muito usado
Embora tenha defeito
Em termos de aponeurose
O que faz fica perfeito

Perfeito talvez não fique
É força de expressão
Às vezes o organismo
Promove uma rejeição

E serve para amarrar
Tecidos, vasos e nervos? Mas irrita a todos nós
Quando na ponta da pinça o danado fica preso

O poeta pra falar
É importante ter mote
Não poderia esquecer
O famoso polycot

Em termos de vascular
Parece coisa solene
Para o fluxo não parar
É melhor usar prolene

E por falar em solene
Seja de frente ou perfil
O que seria da Plástica
Se faltasse o monocril

Fio, lâmina, bisturi
Não compõem idéia minha
O poeta às vezes pede
Emprestado o que não tinha

Do Russo a criação
Do Americano a dinâmica
Para o Mundo a perfeição
De uma sutura mecânica

E outros tantos e fios
Cometi muita omissão
Mas existe um tal de aço
Que serve pra suturar
O osso do coração

Em outra topografia
Não possui qualquer sentido
A única finalidade
É de agredir os tecidos
E “você” que nestes versos
Como fio não entrou
Não esqueci de “você” nem poderia fazer
É que o meu lápis falhou

E o meu lápis falhou
Parece grande piada
O nego quando se enrola
Perdeu o fio da meada.

Maria do Desterro Leiros da Costa

Neurologista. Mestrado e Doutorado em Neurologia pela FMUSP (Faculdade de Medicina da USP). Professora de Neuroanatomia Aplicada na UFPB (atualmente aposentada). Escreve sobre Espiritualidade, Arte e Neurociência. Membro da Coordenação do Projeto Lucas.

Aos médicos com carinho

Desde que a mortalidade
Acampou-se neste mundo,
Levando quem mais amamos
Num sofrimento profundo,

Deus providenciou anjos,
Deu-lhes amor e vocação
Na forma de um belo ofício
Com ares de profissão.

Aos tais ensinou segredos,
Desvelou alguns mistérios:
Do nascimento ao ocaso,
Senescências, puerpérios.

Mostrou a Sua regência
Governando a Biologia,
Harmonizada com a Física
E a Química de cada dia.

A relação mente e corpo
Em unidade implícita
Tem saberes intangíveis
Com traços de Metafísica.

As letras encriptadas
Nos códigos genéticos.
Parecem incalculáveis,
Pra espanto dos céticos.

São muitas noites em claro
Para as ciências médicas
Até entender suas vias,
Seus jeitos e sua estética.

Conhecimento é divino,
Sagrada é a propedêutica,
Porém nada substitui
A palavra terapêutica.

A escuta respeitosa,
Realinha o pensamento
E a Ética do cuidado
Alivia o sofrimento.

Não raro voltam pra casa
Com o coração apertado,
Mente em desasossego
Por um caso complicado.

A maioria não se cuida
Como cuidam dos doentes
Levam uma vida espartana
Desfrutam pouco dos entes.

Seguem vestidos de branco
Enfrentando a dura lida
De serem anjos de cura
Neste mundo avesso à vida

Feminicídio, até quando?

Há tanto tempo este mundo
Tolera os aviltantes
Homens de gestos escusos,
Perpetradores de abusos,
Falos perfurocortantes.

Mulheres pisoteadas
Sob horrendas ferraduras,
Dia a dia humilhadas,
Afligidas, açoitadas,
Ou mortas sob torturas.

Como objetos tratadas,
Troféus para ostentação,
Na vida desrespeitadas,
Ao sofrimento fadadas,
Sem voz, sem representação.

Reféns de tipos machistas
Que vomitam violência,
Escondidos na covardia
Da alegada supremacia,
Esta abjeta indecência.

Burnout de emoções

Emoções não tratadas,
Ou abafadas no seio,
São como bombas relógio
Que nos atingem em cheio.

Não adianta camuflar
A mágoa, a dor, o receio,
Cuidemos em analisar
Expondo a alma ao rastreio,

Antes que um ato falho,
Num atalho, sem rodeio,
Denuncie pela boca
Um coração que está cheio.

Hipocrático

Entre os notórios saberes
Dos currículos médicos
Nenhum é mais importante
Do que construir a ciência
Sobre fundamentos éticos.

Marco Valério Gomes Batista Gonçalves

Nascido em 19 de janeiro de 1979, em Cajazeiras-PB, é médico cardiologista e poeta, tendo como nome artístico a designação de Poeta Cordial. Residências médicas: Clínica Médica, no Hospital Universitário Lauro Wanderley, UFPB; Cardiologia no Hospital Agamenon Magalhães, Recife-PE; Ecocardiografia, no Hospital das Clínicas-UFPE.

Medicina: uma vida de paixão e amor

No parto do infante que chorou bem forte,
Acolhido nas mãos médicas de um dia.
Mais uma nova estrela do céu se estendia...
Mais uma missão cumprida entre a vida e a morte...

Nascido através da arte de um corte
No abdome materno que se distendia.
Veio a vida alegre que no seio se fundia,
Pra uns, obra de Deus; pra outros, muita sorte.

A criança tornou um médico ao crescer
E sabia que teria muito o que vencer:
Descasos das doenças, lágrimas e a dor...

Assim como, condições más de trabalho a se exercer,
Salários muito baixos, e há de se dizer:

A Medicina é luta de paixão e amor...

Dia 27 de julho: dia do Pediatra

O amor e carinho de tua mão,
O conhecimento que traz bonança,
O choro entendido sem sermão.
Eis, que és assim, ó médico da esperança!

Em teus braços recebeste muitas vidas,
Que cresceram. Ficando a lembrança
De um passado em fotos comovidas
Pela alegria de um sorriso de criança...

Relatos de um médico poeta

(I)

A dor que levo no peito sofrido,
Que há muito tempo tenho vivido,
É a dor presente nesta Nação.
Entristecido pelo caos na saúde,
Vejo nosso povo que se ilude
Por um trocado durante a eleição.

(II)

Fico a pensar: “Meu Deus, onde vão parar
Tantos pacientes sem poder curar
Suas chagas, doenças e suas feridas?”
Ó Deus, Tu que és exemplo de amor,
Clamo a Ti para mudar esse rumor
De que o roubo já matou muitas vidas.

(III)

E no choro da dor do paciente,
Volto à minha dor do inconsciente:
A dor que grita alto bem baixinho,
Porque faltam condições de trabalho,
Gente nos hospitais como baralho,
Em macas, chorando o seu espinho.

(IV)

Vendo lágrimas, soluços e lamentos
De seres humanos largados aos ventos,
Me bate a reflexão em um instante,
De que somos meros tolos fantoches,
Que salvam vidas e só têm deboches
Do governo em seu palácio distante.

(V)

Mas essa situação há de mudar,
Pois nosso povo irá acordar
De todo este mal deste pesadelo.
Somos brasileiros e temos esperanças
De um país melhor para nossas crianças.
Quem luta terá o mundo que merecê-lo.

Soneto ao amigo cadáver

Amigo, que repousas nesta laje fria,
Que sofres com o líquido conservador
Calando-se em sono eterno sem dor,
Para doar o corpo à Anatomia.

Tens na alma as lições de vida de ardor,
Bem como os reflexos de tua agonia,
Sentimentos passados, vistos em um dia;
Dignificando o ser, que abrigou teu amor.

Não se sabe se sentes desconforto mais
Na manipulação do teu “eu” incapaz.
Restando gratidão a ti da mãe Medicina.

És o mestre sem vida que sempre ensina
Salvar vidas no mundo de carnificina.
Assim, digo ao amigo: “Vai! Dorme em paz !”

Oswaldo Travassos de Medeiros

Acadêmico emérito da Academia Paraibana de Medicina, cujo Patrono é o Dr. José Bento Monteiro da Franca. Graduou-se em Medicina, em 1969, pela FMUFPB. Fez residência médica e doutorado no Instituto Hilton Rocha, em Belo Horizonte - MG, de 1970 a 1974, com defesa de tese sobre transplante de córnea. É Professor Titular de Oftalmologia da UFPB, Diretor Presidente do Instituto de Olhos da paraíba, membro titular da Sociedade Brasileira de Oftalmologia.

Da janela do trem

Numa viagem em campo,
Tornava bonita a vista.
O apito dava a conquista,
Todos diziam “avante”
Um ficava, outro ia,
E, enquanto o trem corria,
Eu ficava mais distante.

As nuvens queriam “chorar”
O sol estava escondido.
Passeio merecido.
A chuva tornava amante.
Um chorava, outro ria,
E, enquanto o trem corria,
Eu ficava bem distante

Péricles Vitório Serafim

Acadêmico Emérito da Cadeira 11, da Academia Paraibana de Medicina, cujo Patrono é o Dr. Flávio Ferreira Maroja. Nasceu na fazenda Cantinhos, em Lagoa do Remígio, distrito de Areia-PB, até 1957. Formou-se pela FMUFPB, em 1964, e foi o orador de sua turma. É bacharel em Jornalismo pela Faculdade de Filosofia e Letras do Instituto Nossa Senhora de Lourdes de João Pessoa. Depois de formado, frequentou centros especializados em Brasília, Porto Alegre, Rio de Janeiro e em Barcelona, na Espanha, no renomado serviço do Professor José Prades Pia.

Reflexões por escrito

E este bem formidável que me deram
E que alguém me deu e que se chama vida,
Eu vou mantendo e desejando que seja comprida,
Seja pelo tempo afora.
Embora cheia de surpresas,
Como uma noite escura em que quiseram
Provar o material de que foi feita...
Eu vou caminhando, encontro belezas,
Tristezas também, eu vou colhendo.
Às vezes fortes demais!
Capaz de me deixar sofrendo;
E sofrendo tanto, que o pranto
Derramado inutilmente,
Caindo na terra, qual semente
Não parasse de reproduzir.
É que as dores todas deste mundo
Somadas, não valem um só segundo,
Da verdadeira que há de vir.

Amor Resiliente

Eu não sei onde escondi aqueles versos
Que te fiz numa noite apaixonado.
Tenho medo de que, por aí dispersos,
Sejam por alguém localizados.

Eles falam de amor e de carinho,
Delicadamente, sem segredo,
Cara forma estranha de amar sozinho
Sem dizer nada, porque tenho medo.

É um enredo bonito de poeta
Que faz versos para ninguém ler,
Como se fora um tesouro encantada.

Ah! Eu sei que o pensamento de um esteta
Vai chegar com certeza até você,
Mesmo que seja em enredo transformado.

O Mistério da Gavôa *(20 anos de formatura)*

O tempo parou nestas paragens
De silêncio...

Por entre o verde das folhagens,
Somente os pássaros
E as flores coloridas
Têm vida.

O mistério está escondido no passado...

Ao lado, o Forte Orange,
O mar, o mangue.
Aos pés da Gavôa,
A gávea imensa.

Do alto, os heróis flamengos
Que guardaram o mar
Olhavam para a Holanda
E se punham a chorar
De saudade...

Os caminhos do mar
Eram feitos de água...

Suas mágoas a cantar à toa
Eram segredo da Gávea,
Das gaivotas, da Gavôa.

Roosevelt de Carvalho Wanderley

Acadêmico Titular da Cadeira 32 da Academia Paraibana de Medicina, cujo Patrono é o Dr. Newton Nobre de Lacerda. Nasceu em Araruna - Pb, em 29.04.1945. Foi aprovado no vestibular para Medicina, em 1965. Enquanto acadêmico, ministrou aulas de Biologia no Colégio Estadual de Tambiá. Graduou-se em Medicina em 21.12.1971. Fez residência em Pediatria, na Policlínica de Botafogo, no Rio de Janeiro, de 1971 a 1973. Em 1974, especializou-se em Neuropediatria, no Hospital dos Servidores do Rio de Janeiro.

Saudação de despedida

Após quase 23 anos
Destas palavras guardadas,
Com saudade divulgamos
Algumas situações engraçadas
Que marcaram um mestrado sério
Com seus momentos de risadas
Que mas pareciam um mistério
Até que fossem contadas.

Natal

Natal é o nascimento
Também é festa de paz
As palavras neste momento
Vos dirijo, não são demais,
Pois expressam o sentimento
Do admirador que não volta atrás.

Queria que todos marcassem
Minhas palavras de gratidão,
Pedindo que se abraçassem
Num Natal em comunhão.
Que outros Natais que passaram
Fossem de amor e de união.

Com estas quadrinhas modestas,
Quero a todos e a Deus agradar,
Desejando Boas-Festas
E um Feliz Ano-Novo que vai começa
Que manhãs iguais a esta
Tenham no ano que vai chegar.

Justifico a minha ausência

Como na outra ocasião,
Eis que nasceu uma inspiração.
Desta vez, com nova musa,
Outra filhinha, que sensação!

É por ela que estou ausente.
Por sua causa, faço por onde
Estar com vocês presente
Nesta sala que não me esconde.

Sentindo não comparecer
E partilhar da alegria,
Sem que implique beber,
É condicional e não tanatologia.

Sei que é tolice desculpar,
Mas, como eu, faltou o Barbudo.
Por silogismo, vou simplificar
Raciocínio lógico, não absurdo.

Quando um dilema aparece,
Deforma o “modus” de pensar.
Em contraposição, a gente merece
Expor tal ação sem se importar.

Sebastião Aires de Queiroz

Acadêmico Emérito da Cadeira 07 da Academia Paraibana de Medicina, cujo Patrono é o Dr. Chateaubriand Bandeira de Melo. Natural de São João do Cariri/Parari - PB, nasceu em 06.06.1930. Graduiu-se em Medicina pela FMFPB, em 1964. Pediatra do Pronto Socorro Infantil Rodrigues Aguiar, na Capital, e do Pronto Socorro Infantil de Santa Rita, em Santa Rita-PB; Pediatra do Instituto de Previdência do Estado da Paraíba - IPEP -, onde exerceu, também, os cargos de Plantonista e Coordenador de Pediatria. Membro da Academia Paraibana de Poesia, cadeira 30.

Mulher mãe

Em lance de feliz inspiração,
Pleno de amor, saber, sacralidade,
Deus sublimou sua bela criação
Na mulher, digna mãe da humanidade.

Plasmou-a à própria imagem e semelhança,
Para a vivência de excelsa missão,
Em que sua fé, como o amor e a esperança,
São as virtudes desta vocação.

No dom divino da maternidade,
Deu-lhe coragem, sensibilidade,
Grande desprendimento e abnegação.

Por prêmio garantiu que lhe daria,
No céu, morada ao lado de maria,
Mãe das mães e penhor de salvação.

Antipoesia da seca

As terras, pela seca, castigadas,
Abrem o ventre em sulcos ressequidos
Clamando, das entranhas abrasadas,
Em dolentes lamentos e gemidos

As pastagens outrora tão floridas
Já sucumbiram pelo sol crestadas.
Das árvores, as seivas já sugadas,
Restam galhos mirrados, retorcidos.

O campo é um cemitério a céu aberto,
De ossadas de macérrimos animais,
De fome e sede mortos, no deserto.

Em desespero, choram os sertanejos,
Que buscam ser ouvidos nos seus ais
Envoltos em soluços e em arquejos

Vocação de pai

Esta missão sagrada de ser pai
Transcende o curso da terrena vida,
Pois não se cumpre, não está concluída,
Quando o espírito para Deus se vai.

A alma de um genitor não se abstrai,
No triste instante de sua partida,
Da vivência de amor usufruída
No seio da família como pai.

Que esse legado de amor solidário
Desta família seja um ideário
De vida com espírito de missão

Que nas tormentas ou nas calmarias,
Vivamos as tristezas e alegrias
Com fé em Deus e amor no coração.

Velhice e terapias de rejuvenescimento

A velhice é um processo natural,
Pessoal, progressivo e inevitável,
Fatalidade orgânica implacável
De uma efêmera vida corporal.

São declínios físicos- fisiológicos,
(em etapas e ritmos variáveis),
Por desgastes do tempo, inexoráveis,
De todos os sistemas biológicos.

Não sendo uma doença ou enfermidade,
A velhice tem curso retardado
Com práticas vitais de qualidade.

Prescrições de rejuvenescimentos
Não são cientificamente comprovadas -
São falsos e ilegais procedimentos.

Dexóito de outubro – Dia do Médico
Médicos, cuidadores mais que curadores

De pacientes, somos cuidadores
Competentes se muito bem formados,
E de humanismo nas almas dotados
Paro o exercício dos nobres labores.

Sós, dos sucessos não somos credores,
Pois eles devem ser compartilhados
Com os profissionais habilitados,
Ao campo da saúde dedicados.

Aos seus enfermos, os familiares
Dão ajudas de amor e efetivas,
No lar em internações hospitalares.

Além disso, por si, os organismos,
Acionando seus próprios mecanismos,
Promovem equilíbrios salutare

Posfácio

A convite do operoso e ilustre presidente da Academia Paraibana de Medicina, Dr. Wilberto S. Trigueiro, apraz-me escrever este sumário comentário, a título de posfácio, na condição de coordenador e participante da obra Poetas da Academia, publicada em 2018, por sugestão do caro confrade Dr. Manoel Jaime Xavier Filho, com parcial patrocínio financeiro do SICRED, e às minhas expensas, com a colaboração de poemas dos acadêmicos (as) Eudésia de C. Vieira; Eugênio Carvalho Jr; Severino Bezerra de Carvalho; Delosmar Mendonça, Péricles V. Serafim, Fernando C. Lima; Genival Veloso de França; Evaldo D. Nóbrega; Joaquim M. da França; Osvaldo Travassos; Déborah Rose G. Dantas; Geraldez Tomaz; Roosevelt Wanderlei; Flávio Maroja; Francisco Alves de Lima Filho, e minha, como dissemos.

No final de 2023, a APMED nos honrou com uma exposição de nossos poemas na Sala Maria de Lourdes Brito, novo ambiente cultural da instituição.

Neste início de 2024, o CRM-PB, em parceria com a Academia, tomaram a feliz iniciativa de editarem este livro que amplia o espaço de acolhimento para produções poéticas autorais de médicos do nosso Estado que estejam inscritos no Conselho e queiram participar desta antologia poética. Temos, assim, a grata satisfação, emocional e intelectual, de nos deliciarmos com uma seleta coleção literária de colegas de nossa amada Paraíba, celeiro de tantos

intelectuais, escritores, poetas, cantores, trovadores e outros talentosos artistas de renome.

Louvável e merecedora de aplausos, sem dúvida, é essa cultural iniciativa da atual gestão, para além da abrangência do nosso lema “Ciência e Humanismo”, facultando a muitos colegas a preciosa divulgação de suas páginas poéticas que se ressentem de ampla publicação, em nível regional e nacional.

Sebastião Aires de Queiroz
Acadêmico emérito da APMED

